

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

CRISE

Guimarães atravessa neste momento uma fase crítica para a qual urge que volvamos os olhares, aqueles a quem compete velar pelo povo.

Há muito já que na cidade e no concelho se nota uma grande falta de trabalho, que vem tornando impossível a vida das classes obreiras.

A indústria e o comércio sentem-se asfixiar sob o peso da falta de movimento; a agricultura definha; o índice de custo de vida eleva-se dia a dia. E todos, em um justificado acto de defesa individual, procuram reduzir ao mínimo os seus encargos. Assim é que temos centenas de operários, em especial da indústria de cortumes, há muitos meses sem trabalho, porque os proprietários encerraram as suas fábricas. E, a agravar ainda a precária situação das populações que vivem do seu constante mourejar surgiu ainda a paralização total das obras municipais.

E' enfim a crise de trabalho; é a falta de meios para o braço trabalhador levar ao seio da família o pão de cada dia.

Com a crise de trabalho vem um pavoroso cortejo de perigos sociais em que parece que ninguém quer atentar.

E' sabido quanto é precário o modo de viver do operário em Guimarães, mesmo em períodos normais. Os salários geralmente não bastam para dar às famílias um viver, já não diremos desafogado, mas pelo menos livre de perigos. E assim o depauperamento orgânico vem dando largo pasto à terrível tuberculose que tão violentamente alastra, tantas vidas vem ceifando diariamente, tantas energias definha e aniquila.

Ninguém ignora as dificuldades sem número em que luta em Guimarães o operário para prover ao sustento dos seus, mesmo quando no lar não penetrou o terrível vírus que envenena e mata.

Não falaremos no pobre trabalhador a cuja porta a doença bateu implacável, porque êsse deve merecer um carinho especial de toda a gente, pois já não é só a crise do trabalho que o atormenta, é a morte que o não abandona.

E a falta de trabalho, que constitui a única fonte de receita para o operário, que é o seu único tesouro, vai conduzi-lo à miséria sempre crescente, vai roubar-lhe o pão dos filhos, a saúde do lar.

Como conseqüências fatais desta situação verdadeiramente intolerável, virão o definhamento do povo, o enfraquecimento das energias; a desmoralização das faculdades produtoras; o aumento da doença; a elevação do coeficiente de mortalidade, a elevação da percentagem, já enorme, dos tuberculosos.

E tudo porquê?

Pela crise de trabalho que mata por inacção, que aniquila por inércia, que definha por falta de pão.

O mal é gravíssimo; urge pôr-lhe imediato cõbro; reclama-o a nossa própria consciência, a bem dos princípios humanitários.

Medite cada um na responsabilidade que lhe assiste.

Cantar de galo à margem
do Congresso Eucarístico

Seculares e Jesuítas de mãos dadas

De há tempos a esta parte que os católicos vivem numa efervescência tremenda, escudados não sei em que poder, e que, por todos os meios, procuram amarfannhar a liberalidade dos que se confessam abertamente republicanos, talvez certos de que se extingue facilmente um ideal ou de que todos os liberais dormem a sono solto, despreocupadamente.

Fomentam intrigas, tecem enredos despropositados e urdem campanhas vis, fazendo-o duma maneira tão cobarde e tão reles, que nos dá vontade às vezes de lhes cuspir o nosso desprêzo e de os pontapear na sua ignominia.

Julgam-se mandatários duma sociedade que os detesta e os aborrece, alcandoram-se em senhores absolutos do pensamento humano e impõem uma fé que é uma opressão, uma derivante do ódio e da cólera, assim retrogradando a progressividade dos princípios que ainda não foram abafados por outros de melhores efeitos.

Infiltram-se em todos os ambientes que lhes parecem propiciatórios para o seu trabalho de sapa, enrijecem-se duma passividade que os torna coleantes como qualquer *surucucú*, e humilham-se hipocritamente para duma maneira mais traiçoeira anavalharem-nos pelas costas, dando justificação ao dizer do povo que «escolhe o mais completo assassino no indivíduo que mais tempo se demora a rezar dentro duma igreja».

São filhos dilectos dos Loyolas e dos Torquemadas; são ainda os mesmos assassinos de Bruno e La Palyse; os que tomam o pé quando se lhes dá a mão; os fomentadores das discórdias internas quando se sentem lezados nos seus interesses.

Dos seus exemplos, nada há mais vergonhoso. Roubam, matam, infringem toda a moralidade e provocam exhibicionismos que são outros tantos roubos, outros tantos crimes e outras tantas infracções.

Os seus dõgmas, são uma terrível aluvião de negativismos e de inconsciência.

Cotejam os princípios da Liberdade e provocam a Treva no intuito o mais hediondo.

Não se justificam perante aqueles que observam as suas irregularidades e desmandos; agarram-se como escalracho à Treva de Moisés, e fundem a consciência humana no cadinho da sua ignomínia, esquecidos de que a usurpação dessa consciência é uma coisa aleatória, semelhante à posse que nos advem do jôgo de azar. Este fenómeno é palpável e rial. E qual a causa que o produz? Vê-se nitidamente. **O jesuitismo proscrito.**

E' d'êste assunto que falaremos no próximo número.

L. C.

O Artista e o Doido

Ao Ex.º Sr. José de Pina

Numa cidade antiga, há anos, existia
Um sonhador Artista envolto na pureza
Da sua alma de luz, a irradiar magia,
E cobrindo seu Lar-fecundo de beleza!

Em pró da Terra-Mãe, quando ela o exigia,
Era o primeiro sempre a dar-lhe com presteza
— O olhar cheio de amor, de vida e alegria! —
O que o talento seu brotava de grandeza!

Sua Terra-Natal sonhava-a inegalável,
Quizera fazer dela um céu incomparável!

Mas um dia, que horror! de um manicómio, à vista

De toda a gente, um doido investe, d'arrancada,
Por sobre o sonhador com raiva concentrada:
— O homem derrubou, mas nunca o grande Artista!

JUNHO DE 1929.

DELFINO DE VIMARANES.

Ainda o método Asuero

O método Asuero está a dar que falar. Mal diríamos, ao fazer-lhe as primeiras referências, que viriam a ter a retumbância extraordinária que agora tem. Não se fala noutra coisa, uns porque creem, outros porque não acreditam; uns para exaltar, outros para ridicularizar. Sugestão como querem tantos? Sciencia pura, como alguns proclamam? Que nos importa isso? Ha curas? E' inegavel que sim. Portanto, estudem o «método» e empreguem-no até onde for possível. O que não vale é andar pela praça publica a espicaçar o boçalismo e a credence indigenas, já levadas ao rubro por tantas e tão maravilhosas pêtas. A cura por tal processo tem, pela certa, seus limites; não é panacea, pedra filosofal, elixir da longa vida, ante o qual se desvanecem todos os males que atingem a pobre humanidade. Sendo assim, bom será que, antes de mais nada, se vejam as possibilidades do método, para que da sua applicação a torto e a direito, como se está fazendo, não resultem desenganos perigosos. Assim não vale. Fazer a queima dos narizes pelo velho processo da queima das fitas, não dá certo.

Respigos e Comentários

Figurinos episcopais

Saindo da boas regras e agravando temerariamente o bom senso, o sr. Bispo Conde decretou — para a sua diocese Coimbrã — para que os vestidos (das senhoras, é claro), se considerem modestos — o seguinte:

- 1) — Que os vestidos desçam abaixo do joelho;
- 2) — Que não sejam de tecido transparente;

3) — Que não fiquem como que colados ao corpo;

4) — Que as mangas cheguem abaixo do cotovelo;

5) — Que abaixo da base do pescocõ não deixem descoberto sensivelmente mais do que dois dedos;

6) — Que... as meias não imitem a cor da carne.

Ai ficam os 6 mandamentos a que as costureiras haverão de obedecer episcopalmente, para que aquele evangélico seja observado de cair-se nas penas dos infernos!

O que se vê, claramente, é que a maldosa fantasia dos príncipes da igreja se entretém com a plástica feminina, de forma a supôr nas mulheres — e nos homens que as vêem — a mais deliciosa das concupiscências!

A experiência episcopal supõe nos outros aquilo que possa ocultar-se sob as purpurinas almas destes representantes de Cristo...

Sim! A bõca fala sempre da abundância do coração...

Acabaram-se os milagres

Vai por êsse país fora um entusiasmo indiscreto a propósito do sistema terapêutico do Dr. Asuero.

Com uma simples queimadura, um doente que sofra do reumatismo ou de paralisia fica logo curado.

Agora é que «A Voz» do ran-coroso Nemo e as «Novidades» dos aprendizes de clérigo não podem inventar milagres em Fátima e em Lourdes, porque o povo vai a pouco e pouco abrindo os olhos, desprezando a lenga-lenga das curas milagrosas e cantando hossanas à Sciencia que procura por todos os meios atacar os grandes flagelos que affligem a humanidade.

